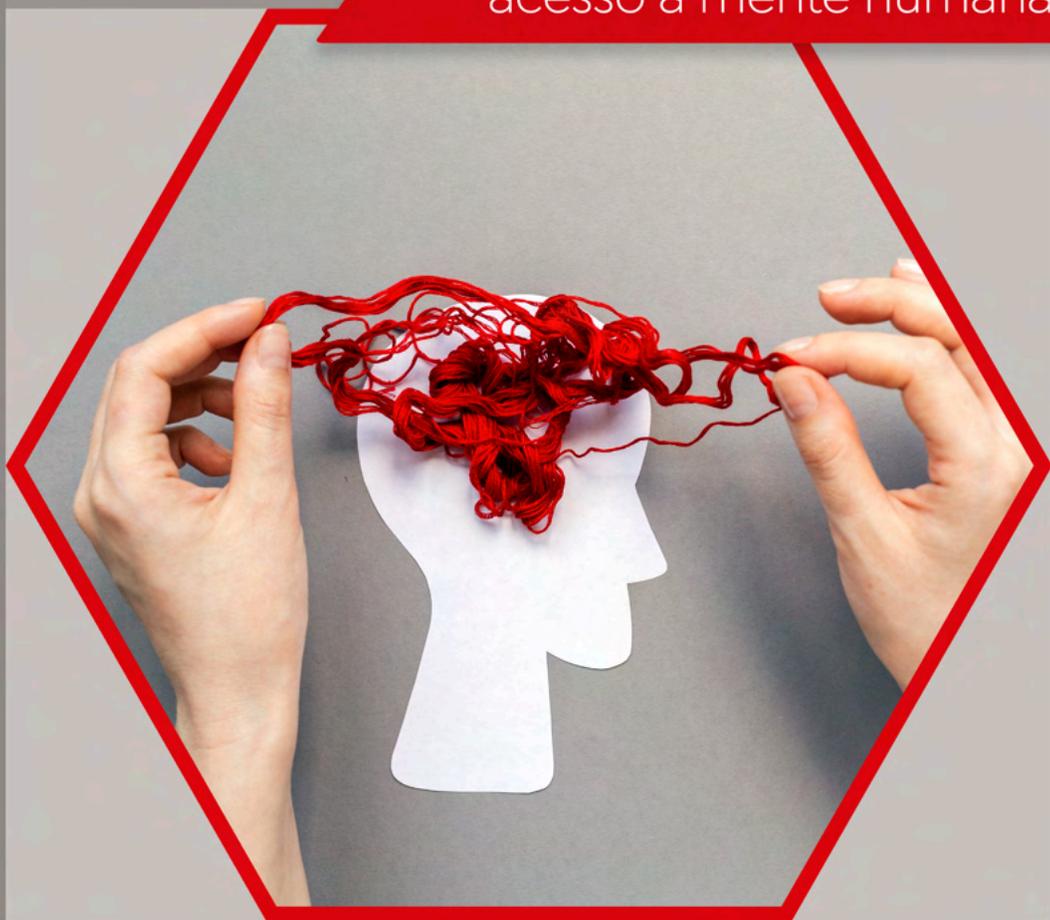


# Psicologia:

Técnicas e instrumentos de  
acesso à mente humana

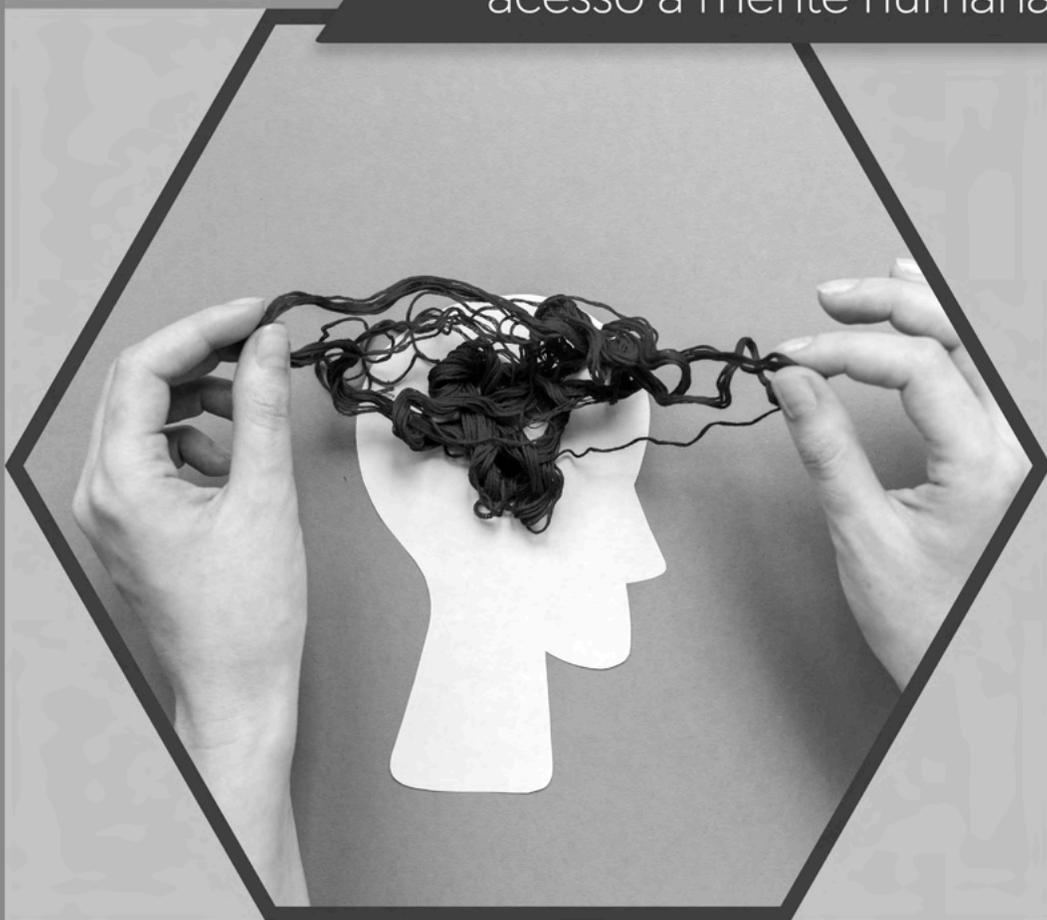


Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# Psicologia:

Técnicas e instrumentos de  
acesso à mente humana



Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Psicologia: técnicas e instrumentos de acesso à mente humana

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Bruno Oliveira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: técnicas e instrumentos de acesso à mente humana / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-911-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.117220703>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *Psicologia: Técnicas e instrumentos de acesso à mente humana*, reúne neste volume dezoito artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

Ao longo da história da humanidade várias tentativas foram feitas em torno da discussão sobre a mente humana. Dos humores na Grécia, da Consciência no Iluminismo, ao inconsciente na modernidade, várias são as influências que a Psicologia herda para se tratar no psiquismo humano.

Com tantas influências, o que podemos esperar é uma grande variedade de visões sobre o humano, o que concorda com a própria diversidade subjetiva, em se tratando de personalidades humanas.

Essa Coletânea apresenta algumas dessas visões, a partir da concepção psicanalítica, cognitiva-comportamental, terapia familiar, social, entre outras perspectivas.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de uma leitura psicológica surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### A LÓGICA DO INCONSCIENTE NO NÓ BORROMEU

Ivanisa Teitelroit Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207031>

### **CAPÍTULO 2..... 7**

#### CONVERSÇÕES NA ESCOLA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Claudio Ramos Peixoto

Joyce de Paula e Silva

Shala de Souza Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207032>

### **CAPÍTULO 3..... 18**

#### TRAUMA, VULNERABILIDADE E MEMÓRIA: CAMINHOS PARA UMA RESIGNIFICAÇÃO

Sonia Maria Gomes Siulva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207033>

### **CAPÍTULO 4..... 32**

#### COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL

Maria de Fátima de Jesus Miranda

Alessandro Miranda Coelho

Leuzete Sousa de Oliveira Miranda Coelho

Gracimary de Jesus Godinho Bastos

Antonio Luis Nunes Bastos

Luzimary de Jesus Ferreira Godinho Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207034>

### **CAPÍTULO 5..... 46**

#### TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS E ADOLESCÊNCIA: O SOFRIMENTO INVISIBILIZADO

Kamila Andressa Rabuske

Amanda Angonese Sebben

William Gemelli

Naiana Priscila Kessler Amancio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207035>

### **CAPÍTULO 6..... 55**

#### TRANSTORNO DE ANSIEDADE SOCIAL EM ADOLESCENTES

Eliza Regina Guilhem Gentilin

Mara Ilce Lopes Bedendo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207036>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>60</b>
RELACIONAMIENTO ABUSIVO: O CICLO DE APRISIONAMENTO E DEPENDENCIA EMOCIONAL	
Viviane Soares Carvalho Talita Maria Machado de Freitas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207037">https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207037</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>70</b>
PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DE LAS DOCENTES QUE PROMUEVEN VOCACIONES CIENTÍFICAS EN LAS ESTUDIANTES	
Alba Esperanza García López Pamela Viñas Lezama	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207038">https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>80</b>
A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL: IDENTIFICAÇÃO DAS CRENÇAS, PENSAMENTOS AUTOMÁTICOS E O ESTABELECIMENTO DA ALIANÇA TERAPÊUTICA	
Paulo Tadeu Ferreira Teixeira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207039">https://doi.org/10.22533/at.ed.1172207039</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>95</b>
CONVERSACIONES DE SESIÓN ÚNICA ANTE EL SUICIDIO	
María Luisa Plasencia Vilchis Luz de Lourdes Eguiluz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070310">https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070310</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
PROCESOS INTERDISCIPLINARIOS EN LA FORMACIÓN DE TERAPEUTAS FAMILIARES	
Martha Elena Silva Pertuz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070311">https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070311</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
A IMPORTÂNCIA DA REDE SECUNDÁRIA NA TERAPIA FAMILIAR E NO PROCESSO DE MUDANÇA PARA AS FAMÍLIAS	
Cristina Cruz Goreti Mendes Helena Ventura Sofia Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070312">https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070312</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>131</b>
PROGRAMA DE TUTORÍAS: OPINIÓN DE ESTUDIANTES Y TUTORES DE LA CARRERA DE PSICOLOGÍA	
Irma Rosa Alvarado Guerrero Ana Elena Del Bosque Fuentes María Luisa Cepeda Islas	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070313>

**CAPÍTULO 14..... 144**

**A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA COM MOVIMENTOS SOCIAIS:  
REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

Anderson dos Santos Furtado  
Camilly Aline Mesquita Rodrigues  
Janilce Guiomar Pinto  
Jéssica Almeida Cruz  
Ingrid Larissa Pinheiro da Silva  
Karlene Souza dos Santos Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070314>

**CAPÍTULO 15..... 155**

**ATUAÇÃO DO PSICOLOGO NO CAPS-AD: REFLEXOS NA GESTÃO DA SAÚDE MENTAL**

Enio Dioquene Luiz Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070315>

**CAPÍTULO 16..... 168**

**ENTREVISTA MOTIVACIONAL NO TRATAMENTO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS  
NO CAPS-AD, BAGÉ-RS**

Enio Dioquene Luiz Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070316>

**CAPÍTULO 17..... 176**

**TRANSBORDAMENTO DE VIDA ANTE A FINITUDE: A CLÍNICA PSICOLÓGICA NA  
ASSISTÊNCIA A PORTADORES DE DOENÇAS CRÔNICAS IRREVERSÍVEIS**

Danielle de Andrade Pitanga  
Margarida Maria Florêncio Dantas  
Gilclécia Oliveira Lourenço  
Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070317>

**CAPÍTULO 18..... 189**

**A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM E  
COMUNICAÇÃO DO ALUNO COM TEA**

Sara Alves Oliveira e Silva  
Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11722070318>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 203**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 204**

# CAPÍTULO 2

## CONVERSÇÕES NA ESCOLA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA

*Data de aceite: 01/03/2022*

### **Claudio Ramos Peixoto**

Mestre em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor titular do Centro Universitário Geraldo Di Biasi (UGB – FERP)

### **Joyce de Paula e Silva**

Psicanalista, doutora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

### **Shala de Souza Silva**

Psicóloga graduada pela Universidade de Vassouras e Pós-graduanda em Psiquiatria e Psicanálise com Crianças e adolescentes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – IPUB)

**RESUMO:** Atualmente, a escola, espaço fundamental na formação moral, cognitiva e emocional de crianças e adolescentes, por vezes é regida de acordo com discursos e práticas medicalizantes, decorrentes do sistema capitalista vigente. Apostam na normatização dos indivíduos, na produtividade deste e acabam suprimindo e engessando ideias e posturas. Como resultado, sujeitos são apagados e a instituição escolar perde sua força motora para o novo. O presente artigo apresenta a possibilidade da Psicanálise ao espaço escolar, através do relato de experiência de uma equipe de pesquisa em duas escolas municipais. Optou-se pela ênfase na análise de dois dispositivos utilizados como instrumento de intervenção: a clínica psicanalítica e a prática da conversação.

Também aponta para a importância da escuta aos sujeitos imersos em tais espaços como aposta de transformação de impossibilidades.

**PALAVRAS - CHAVE:** Escuta, conversação, sujeito, o novo.

**ABSTRACT:** Currently, the school, a fundamental space in the moral, cognitive and emotional formation of children and adolescents, is sometimes governed according to medicalizing discourses and practices, resulting from the current capitalist system. They bet on the normalization of individuals, on their productivity and end up suppressing and plastering ideas and postures. As a result, subjects are erased and the school institution loses its driving force for the new. This article presents the possibility of Psychoanalysis to the school space, through the experience report of a research team in two municipal schools. We chose to emphasize the analysis of two devices used as intervention instruments: the psychoanalytic clinic and the practice of conversation. It also points to the importance of listening to subjects immersed in such spaces as a bet on transforming impossibilities.

**KEYWORDS:** Listening, conversation, subject, the new.

**RESUMEN:** En la actualidad, la escuela, espacio fundamental en la formación moral, cognitiva y afectiva de niños y adolescentes, en ocasiones se rige según discursos y prácticas medicalizantes, provenientes del actual sistema capitalista. Apuestan por la normalización de los individuos, por su productividad y acaban reprimiendo y

enyesando ideas y posturas. Como resultado, las materias se borran y la institución escolar pierde su fuerza motriz de lo nuevo. Este artículo presenta la posibilidad del Psicoanálisis al espacio escolar, a través del relato de experiencia de un equipo de investigación en dos escuelas municipales. Optamos por enfatizar el análisis de dos dispositivos utilizados como instrumentos de intervención: la clínica psicoanalítica y la práctica de la conversación. También apunta a la importancia de escuchar sujetos inmersos en tales espacios como una apuesta por la transformación de imposibilidades.

**PALABRAS CLAVE:** Escucha, conversación, sujeto, lo nuevo.

## INTRODUÇÃO

A Escola é instituição controversa da sociedade: pode ser a legítima transmissora de saberes e valores que devem nortear a vida para formatar indivíduos que a ela se ajustem ou pode ser aquela que, apropriando-se dos saberes e valores instalados, se compromete em formar sujeitos implicados com o próprio desejo que vai além do estabelecido.

Desde a instalação das sociedades pós-industriais, as escolas se caracterizam como engrenagem formadora de seguidores das leis e normas legitimadas pelas ideologias dominantes e mão de obra adequada ao sistema de produção fundado na divisão social do trabalho. Aqueles que não se encaixam em seus padrões de aluno ideal ou são relegados ao último plano (quando não perturbam a ordem) ou direcionados a especialistas (quando suas subjetividades incomodam o ambiente) que assumem função normatizadora e importante contribuinte da genealogia de crianças e adolescentes desadaptados ou desajustados.

É urgente lançar dispositivos que criem possibilidades de corte desta realidade que se mascara em políticas da escola inclusiva e justifica o fracasso de seus alunos no cientificismo medicalizante.

A escola é um espaço importante na vida da criança ou adolescente. Precisa acolhê-los de forma cuidadosa para que seja significativa na formação integral e não um espaço de exclusão dos que não se adaptam ao modelo imposto pelo sistema político/educacional. Embora submetida a leis e normas, pode conquistar autonomias que lhe permitam ser um local de pessoas que trabalham coletivamente por uma educação libertadora. Ela é um espaço comum de alunos, famílias e profissionais da educação que a partir de suas diferenças individuais ou grupais podem construir uma identidade, elemento básico para emancipação. Partilhando suas heterogeneidades o coletivo pode ir em busca de objetivos que atendam também ao desejo de cada sujeito.

A conquista de autonomia pelo coletivo é a superação da alienação imposta pelo discurso pedagógico fechado, hierarquicamente centralizador, que descarta a heterogeneidade como peça chave para a construção do novo. É preciso distanciamento desse discurso por vezes único e fazer com que outros possam ecoar e cada sujeito possa perceber o papel que desempenha no processo de escolarização e com o que está comprometido. Possibilitar espaços em que a palavra de todos possa circular é viabilizar a

emersão de sujeitos e assim implica-los com suas práticas educativas. A partir da escuta do outro e de si próprio é que o sujeito se constitui e que reposicionamentos e mudanças podem acontecer na vida escolar.

Acreditamos que o binômio Psicologia-Psicanálise pode contribuir para o desvelamento da capacidade criativa sufocada nos coletivos das escolas. O trabalho com o coletivo é que pode gerar revoluções e este se constitui a partir de sujeitos histórica e culturalmente situados a partir dos seus desejos. Trabalhar falas a partir da psicanálise nos permite perceber o que move cada sujeito no trabalho e, assim, superar o que os sufoca e buscar o novo.

## **METODOLOGIA**

O trabalho referencial para este artigo teve seu início há sete anos em duas escolas públicas, com horário integral, de municípios distintos: uma para crianças (A) e outra para adolescentes (B). Em ambas, fomos convidados devido à pesquisa desenvolvida desde 2009, cujo eixo inicial era a medicalização na rede escolar que, ao ser melhor avaliada, a partir da análise das demandas encontradas nos espaços mencionados, teve um redirecionamento para além de tal processo. As clientelas são compostas por crianças e adolescentes das classes mais baixas economicamente.

As demandas apresentadas eram referentes à violência entre os alunos, a problemas de aprendizagem – que por vezes culminavam em grande quantidade de encaminhamentos para atendimento especializado-, à indisciplina presentes no espaço escolar e à dificuldade de estabelecer parceria escola-família. Inicialmente, foi realizado longo trabalho de observação da instituição: como esta se organiza, como os sujeitos que ali frequentam e trabalham estabelecem suas relações e quais os discursos que ali circulam e determinam a dinâmica vigente.

Somente após tal momento de análise, partimos para a construção/elaboração dos projetos que seriam apresentados para os solicitantes, com propostas de intervenção. Sobre estas, é importante ressaltar que intervenções em espaço escolar com viés psicanalítico implicam em escuta constante do profissional das falas que circulam nos diferentes ambientes (sala de professores/ aula/direção, pátio, refeitório, portão de entrada). É ela que nos permite estar presentes em momentos cotidianos nos quais ficam expostas ideias e procedimentos nem sempre apresentados nos encontros formais, nos quais normalmente imperam modelos padronizados para explicitação de fatos ou propostas, sendo estes por vezes meticulosamente planejados e direcionados a quem os ouve.

Esta escuta “livre” permite, inclusive, que micro operações possam acontecer quando em conversa espontânea alguém menciona algo que o aflige. Significa circular pelo espaço geográfico do estabelecimento para conhecê-lo e nele ser conhecido. Concordamos com Geoffroy e Alberti (2015, p.249) quando afirmam que “circular dentro do espaço da escola,

ver e ser visto é importante para nossa atuação institucional, pois dá chance ao encontro, ao acaso e a construção de algo novo...”. Assim procedemos nos dois primeiros meses de ação.

Durante tal período, foram observados alguns dados importantes como longas jornadas de trabalho da equipe escolar, pouca flexibilidade por parte das secretarias de educação para implementação de uma ementa de ensino que atendesse ao público alvo de cada espaço escolar e espaços físicos nem sempre bem estruturados para atender as demandas dos sujeitos ali presentes. Por exemplo, em uma das instituições de atuação, de horário de funcionamento integral, era inexistente a presença de espaços como a sala dos professores para que pudessem descansar se necessário. Também não havia espaço físico e temporal para trocas entre os membros da equipe docente, gestora e de apoio da escola. Além disso, foi observado poucas “brechas” para a manifestação de escuta e voz dos que ali estavam.

O diagnóstico provisório elaborado a partir da análise dos dados obtidos nos serviu como suporte para, além da escuta “livre”, agirmos nos três novos dispositivos que colocamos em prática com a anuência da equipe escolar: atendimento clínico, rodas de conversação e oficina psicopedagógica. Iremos, agora, nos restringir aos dois primeiros.

## **AS INTERVENÇÕES E A ABERTURA DE POSSIBILIDADES DE AÇÃO**

O atendimento clínico acontece concomitantemente com alunos encaminhados pela equipe escolar e aqueles que espontaneamente o desejem. Pode ser individual ou não, sendo livre escolha de quem procura; assim como a escolha de quem vai atendê-lo.

As rodas de conversação, técnica criada por Allain-Miller em 1990, foram utilizadas com a equipe escolar, famílias e alunos-adolescentes. Sobre tal instrumento de atuação, são encontros não obrigatórios em que não há temas pré-definidos (a menos que o coletivo escolha em roda predecessora), cuja finalidade é a circulação da palavra para que, com nossa intervenção, o grupo ou pessoas possam perceber entraves e desejar criar o novo. Como mostram Miranda e Santiago (2010, p.3)

No detalhe da Conversação, o sujeito do inconsciente daria sua entrada, podendo emergir na poética dos caminhos e descaminhos da fala: os equívocos, os lapsos, os erros, os tropeços, as contradições e mesmo os silêncios. O mal-estar expresso pelos professores em forma de queixa é acolhido, para que possa se abrigar e ser tratado pela palavra.

Pode-se dizer que é uma técnica que implica em uma subversão na ordem de papéis previamente estabelecidos pelas normas. Nela, não há um sujeito único a dizer para os outros ou sobre os outros e sim uma multiplicidade de sujeitos singulares que falam entre si suas verdades. É espaço aberto para trocas, solidariedades, choques e controvérsias em que todos podem falar e externar suas particularidades. Um tempo para que, através de

mediações dos condutores, os sujeitos possam se questionar sobre o que fazer com aquilo que lhes incomoda e perceber que sua modificação, além de necessária, é possível. Nas primeiras conversações realizadas em uma das escolas mencionadas por exemplo, eram frequentes falas recheadas de impossibilidades, frustrações da prática docente, e muitos dos problemas existentes no espaço escolar eram justificados com “culpados” de meios externos. O “nada adianta” imperava nos discursos:

“Não é nada fácil. Eu tenho que me preocupar com meus planos de aula, as atividades que vou realizar, cumprir com as minhas obrigações como professora (...), e ainda tenho que lidar com esses problemas todos que surgem a cada dia. Querendo ou não, essas crianças estão sob os meus cuidados. Mas o fato é que não podemos fazer nada em relação às famílias e às questões da comunidade .... Por vezes, a sensação é de que nada pode ser feito no sentido de intervir no âmbito familiar e comunitário acerca das questões que surgem e seus impasses. Nada adianta.”

A partir de cada vez mais abertura de tais espaços de “fazer ouvir e fazer fala” questões que antes eram imutáveis passaram a ser pelo menos debatidas e analisadas, como nos mostra uma das professoras ao falar sobre a possível causa da indisciplina dos alunos e da dificuldade de os professores darem conta da mesma:

“O problema do regime de educação integral é que, aqui, na nossa escola, eles querem que as crianças fiquem em sala de aula de forma integral, e não precisa ser assim, só sala de aula o tempo todo. É desgastante para eles e para nós também. Não conseguimos nem nos ver ao longo de um dia inteiro aqui. Estamos sempre ocupadas, alarmadas, vigilantes. Não podemos nem ir ao banheiro.”

Uma vez iniciado o processo de circulação da palavra, à medida que as conversações avançavam, a construção de alternativas se tornou possível, já que agora os agentes - professores e equipe escolar como um todo - tinham reconhecimento de seu papel e potencial na transformação do espaço e das relações em que estavam imersos. Passaram a surgir trocas de ações efetivas que já aconteciam no espaço escolar:

“Acredito que o vínculo que construímos ao longo de um tempo, a proximidade com eles, proporcionou que a minha palavra, a minha disciplina, tivesse mais efeito no sentido de manter a ordem, de resolver os conflitos que surgem. Não que isso funcione o tempo todo, às vezes é muito difícil. Mas percebo que o vínculo é algo que ajuda muito nesse aspecto.”

Assim, fica evidente que apostar na conversação como dispositivo de pesquisa-intervenção significa trabalhar com a circulação da palavra e os efeitos que provoca nos sujeitos participantes. Um dito evoca outro dito e assim dificuldades e desejos são desnudados, redescobertos e compartilhados, podendo produzir ressignificações de experiências e expectativas, que impulsionem os mesmos na busca de novos caminhos para atingir metas que lhes apareciam inatingíveis ou que até mesmo não eram consideradas como questão.

## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A partir das intervenções relatadas anteriormente, serão apresentados a seguir alguns dos resultados até o momento obtidos nas escolas A e B, em separado.

Escola A (crianças):

Após o primeiro ano de nossa intervenção, queixas e casos relativos à agressividade dos alunos se reduziram de forma expressiva, sendo isso constatado tanto no caderno de registros da escola como nas falas em reuniões com a equipe escolar. Avaliamos como significativos para tal mudança, além dos atendimentos clínicos, dois fatos que indicam movimentos inovadores da equipe escolar após rodas de conversação:

- 1) a escola passou a oferecer oficinas e atividades lúdicas no período da tarde, substituindo aulas de fixação e recuperação de conteúdo. As crianças passaram a ter maior tempo livre – com a possibilidade de contribuírem no processo de escolha das atividades ali realizadas -, antes restrito a 30 minutos pela manhã (lanche e recreio).
- 2) criação do grêmio estudantil, cuja chapa vencedora tinha como propostas: rebaixamento do espelho do banheiro e divulgação semanal das refeições oferecidas.

Escola B (adolescentes):

Embora a partir de 2018 nosso trabalho tenha se estendido para todo estabelecimento, os resultados referentes a esta escola estão relacionados a rodas de conversação realizadas com as cinco turmas do Curso Normal, cuja escola de origem foi fechada em 2017. Deles também destacamos dois fatos em que a postura assumida pelos alunos foi construída em conversações:

- 1) a unificação das cerimônia e festa de formatura das duas turmas de terceiro ano que antes seriam separadas devido à rixa entre elas que havia atingido o ápice nas olimpíadas internas (com agressões verbais e físicas).
- 2) a participação do coletivo de alunos na luta pelo não fechamento da escola e, posteriormente, para garantir, na nova escola, espaço (organização das salas, murais próprios nos corredores) e horário compatível (lanche e almoço) com a rotina de estágios.

## DISCUSSÃO

O sistema capitalista tem como preceito que o indivíduo é totalmente responsável pelo lugar que ocupa economicamente na cena social: se ele se mantém rico ou pobre é sempre por própria escolha. Mas entendemos que embora apostemos com a psicanálise na escolha do sujeito, que é inconsciente, sabemos que o contexto social favorece ou não as suas escolhas e a sustentação destas. Existem circunstâncias por vezes tão adversas ao sujeito que a sobredeterminação inconsciente pode impulsioná-lo ao seu desejo, mas os entraves do sistema podem dificultar muito seu avanço. Sujeitos são diagnosticados como

doentes para atender às necessidades produtivas e aos grupos em que estão inseridos, sendo estes muitas vezes os produtores dos seus insucessos.

Há o estabelecimento de uma lógica de funcionamento em que impera a dialética adaptação ao meio x segregação, no sentido de, a partir do processo de medicalização, a sociedade assegurar que ou haja a primeira, ou não pertence ao coletivo já que, “[...] a lógica que se estabelece a partir do discurso da ciência é o comando do universal, o que vai implicar, em sua radicalidade, uma lógica da segregação e a eliminação da contingência [...]” (COSTA, 2019, p.84-5)

Nesse contexto, a exigência é que se siga a ideologia dominante – estabelecida pela ordem socioeconômica vigente, sobrando pouco espaço para o desejo do sujeito de fato “aparecer”, ser uma meta. Lacan, quando se refere à política ditatorial, afirma que diante do desejo dos cidadãos, trabalhadores, o discurso é sempre um “volte depois para falar do seu desejo, agora não é hora para isso” (LACAN, 1959-60/1986, p. 367). A escola, imersa à lógica vigente não foge a tal política, sendo o termo trabalhadores apenas substituído por alunos.

Como consequência, na maioria das escolas está presente a política ditatorial e, aquela, passa a ter participação efetiva na consolidação do sistema. Alunos, particularmente das classes pobres, são facilmente segregados, seja com a justificativa de serem portadores de enfermidades ou se não se comportam de acordo com o ideal de aluno produzido a partir de realidades que não são as suas. Cria-se aí um pretexto para que em ambos os casos os sujeitos sejam alvo de rotulações e encaminhamentos que só reforçam o processo medicalizante da sociedade. Assim:

[...] Acompanhamos um processo de biologização do cotidiano a partir do discurso da biociência e de pretensão de um controle cada vez maior da vida, acompanhado de um discurso que incentiva a medicalização da sociedade, em geral, e, em particular, do campo educacional [...]. (MELO, 2017, p. 249)

É um processo homogeneizante que reduz os alunos - sujeitos com subjetividades e modos de aprender e viver particulares – a nomeações e condições limitantes, sejam estas referentes à classe social ou a alguma patologia. Além disso, faz parte da prática medicalizante e segregacionista culpabilizar a equipe escolar pelo não cumprimento das metas de inclusão das políticas oficiais de ensino. As secretarias de educação cobram de seus profissionais tarefas que esses educadores não foram preparados para atender e não lhes fornecem suporte teórico e materiais para realizá-las. Projetos são depositados nas unidades escolares sem que a equipe possa dispor de tempo para discuti-los e ajustá-los a sua realidade. Será este o papel da instituição escola para a sociedade atual?

Sabe-se que a escola é um espaço importante na vida de uma criança ou adolescente. Tanto a infância como a adolescência colocam os sujeitos em condições cruciais de desenvolvimento e constituição subjetiva que implicam em acolhimento e cuidado, sendo a instituição escolar fundamental em tais processos. Mas como fazer para que a escola possa

ser um espaço significativo na formação integral daqueles que necessitam de cuidados especiais e não um espaço de exclusão legitimado dos que não se adaptam ao modelo imposto pelo sistema político/educacional?

Na tentativa de elucidar tais questionamentos e, com base nas observações e intervenções realizadas pela pesquisa mencionada, fica evidente o quanto é imprescindível que haja disponibilidade de tempo para trocas entre os envolvidos na educação escolar: alunos, profissionais e famílias. Ao se pensar em um viés psicanalítico de atuação, algumas alternativas surgem, tais como: promover conversações que possibilitem aos profissionais tomarem a palavra e se implicarem nas construções de soluções para os impasses identificados por eles; e proporcionar atendimentos psicopedagógicos aos alunos e atendimentos com base na teoria psicanalítica aos alunos e educadores. Coloca-se em pauta tanto a instância docente como a discente já que “a psicanálise não pode interessar à educação salvo no próprio campo da psicanálise, isto é, pela psicanálise do educador e da criança.” (Millot, 1987; [1979], p. 157).

O sujeito se constrói a partir do Outro em um tempo não cronológico e sim lógico de constituição. A necessidade de soluções rápidas para toda situação que comprometa a produção definida pelo modelo capitalista das sociedades atuais faz com que se preconize “verdades” cujos efeitos engessam vidas e segregam pessoas. São diversas as formas de violência material e simbólica.

Esse sistema se apoia no individualismo como condição reconhecível pelo modo de vida capitalista, em que o sujeito é encarado como o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso, ainda que o contexto em que está inserido lhe imponha barreiras. Na realidade, o que está em jogo é a capacidade do sujeito de ultrapassar tais entraves e, isso, é responsabilidade exclusivamente sua, individual. Como evidenciam Moysés e Collares (2020, p.37) “nas sociedades ocidentais, ocorre crescente translocação de problemas inerentes à vida cotidiana para o campo da medicina, transformando problemas coletivos, de ordem social e política, em deficits individuais, de suposta origem biológica”.

No que se refere ao espaço escolar, buscam-se junto a isso especialistas externos à instituição que possam responder tecnicamente a toda demanda de “cura de um comportamento inadequado”, aprisionando o sujeito ao próprio sintoma e a uma categoria social. Como efeito, os sujeitos tendem a não se responsabilizarem pelos próprios sintomas, não se apropriarem das suas questões e são por isso despotencializados em suas ações.

A clínica psicanalítica age exatamente nesse ponto, na medida em que permite apostar na condição de potência de trabalho, na potência do próprio sujeito e de suas interfaces com o social. Ao corroborar com tal aposta, coloca em pauta a presença dos diversos sujeitos que compoem um coletivo, seja este pensado em um âmbito macroestrutural (tal como uma sociedade) ou microestrutural (como uma instituição, neste caso a escola). Dito de outra maneira, trata-se de enxergar os diversos “uns” imersos na homogeneidade que representa um todo, tal como ensina Oury (2009, p.19) em sua teoria

## do Coletivo ao dizer que o

[...] objetivo é que uma organização geral possa levar em conta um vetor de singularidade: cada usuário deve ser considerado, em sua personalidade, da maneira mais singular. Daí um tipo de paradoxo: colocar em prática sistemas coletivos e, ao mesmo tempo, preservar a dimensão de singularidade de cada um. Era neste tipo de "bifurcação" que se formulava esta noção do coletivo.

Visto sob tal prisma, o coletivo passa a ser considerado como resultado de uma trama de laços sociais que, de acordo com Lacan (1992), são tecidos e estruturados pela linguagem e, portanto, denominados discursos. A partir do que se pode afirmar sobre a forma com que se tecem os laços entre os sujeitos é possível identificar também que discurso se estabelece e onde é possível intervir.

Os discursos são, na interpretação de Lacan, os quatro modos de relacionamento apontados por Freud (1930) como fontes do sofrimento do homem: governar, educar, analisar e fazer desejar. Dentre os quatro discursos que se referenciam aos tais modos de laços, há o discurso do analista. Este é o único que, na sua impossibilidade inerente, aposta na ideia de que o sujeito pode fazer a diferença para que algum trabalho, incluindo o sujeito, aconteça, uma vez que

O discurso do analista, por ser aquele que reinstaura o lugar do sujeito, pode instaurar a política da falta – falta-a-ser; falta-a-saber; falta-de-saber – para contrapor esses discursos que pretendem assegurar a onipotência do Outro. (MELO, 2017, p.264)

Mas que sujeito é esse, tão presente na teoria psicanalítica, que aparece e opera transformações? O sujeito que interessa à psicanálise é o sujeito do inconsciente, vazio, caracterizado pela possibilidade constante de vir a ser. Esse sujeito emerge da relação significante, pois um significante representa o sujeito junto a outro significante. Falar do aparecimento ou não desse sujeito é também falar dos discursos já mencionados. Estes atravessam e determinam o funcionamento de qualquer instituição, inclusive a escola.

Se a aposta é trabalhar para construção cada vez mais frequente de coletivos que deem margem para a manifestação e percepção dos sujeitos que os constituem, tal como mencionado anteriormente, é imprescindível que se faça preponderante o discurso do analista. Com relação às intervenções nos espaços escolares que objetivem a queda de posturas medicalizantes engessantes, lançar mão da psicanálise pode gerar bons resultados, semelhantes aos apresentados neste artigo.

Através interlocução Escola- Psicanálise, manifesta por meio da atuação do discurso do analista no espaço escolar, torna-se viável a queda de ideais cristalizados que só reforçam o apagamento dos sujeitos que ali se relacionam diariamente e, ao saírem, transmitem o que e como aprenderam. A escola pode sim ser canal de abertura de possibilidades de uma sociedade com valores e saberes mais plurais, desde que haja espaço para a palavra ali presente circular. Ofertar escuta e acolher as vozes dos sujeitos

é um começo interessante.

O trabalho clínico psicanalítico pode rearticular a dimensão política, questionando-a. Em virtude de nosso trabalho clínico na escola, podemos fazer valer a tese psicanalítica de que o laço social somente se efetiva se há a possibilidade do sujeito de se situar em um discurso, sustentando sua posição no discurso e não estando somente assujeitado a ele.

## REFERÊNCIAS

COSTA, A. *Luz e tempo: ato e repetição*. São Paulo: Escuta, 2019.

FREUD, S. Totem e Tabu (1913). In: Edição Standard das Obras Psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. In: Estilos clin., São Paulo, v.20,n. 2,mai/ago 2015,246-264.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1976). In: Edição Standard das Obras Psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1920.

GEOFFROY,R.M.G. e ALBERTI,S. Contribuições de Jean Oury para verificar uma possível emergência do sujeito na escola.

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

LACAN, J. (1997). O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1999.

LACAN, J. (1969-1970). O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1992.

LACAN, J. (1971-1972). O Seminário – livro 19: ...ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2012.

LACAN, J. (1972-1973). O Seminário – livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1996.

MELO, R. Uma interpretação para a medicalização da infância e da adolescência. In: PACHECO, A.L.; OLIVEIRA, B. (Org.). *Criança: objeto ou sujeito*. São Paulo: Escuta, 2016. p. 249-66.

MILLOT, C. Freud antipedagogo. Rio de Janeiro, Zahar, 1987 [1979].

MIRANDA, M. P.; SANTIAGO, A. L. As conversações e a psicanálise aplicada à educação: um estudo do mal-estar do professor e o aluno considerado problema. Artigo de doutorado FAE – UFMG, 2010. Disponível em < <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/lepsi/n8/a39n8.pdf> >.

MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Novos modos de vigiar, novos modos de punir: a patologização da vida. Educação, Sociedade e Cultura, 2020, p.31-44. Disponível em < <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/3%20Maria%20Moyses%E2%95%A0%C3%BCs%20%26%20Ceci%E2%95%A0%C3%BClia%20Collares.pdf> >.

OURY,J. O Coletivo. São Paulo,Aderaldo &Rothschild, 2009 (trabalho original publicado em 1986).

PATTO, M.H.S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adoecimento 46, 47, 65, 85, 89, 176, 177, 178, 183, 187

Adoecimento psíquico 46, 47, 65

Adolescentes 7, 8, 9, 10, 12, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 65, 68, 98, 99, 103, 145, 202

Aprendizagem 9, 22, 23, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 84, 89, 189, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Atuação dos Psicólogos no CAPS-AD 155

Autocuidado 56, 60, 66, 117, 118

### B

Bullying 40, 46, 47, 51, 53, 54, 97

### C

Clínica psicológica 176, 177, 178, 184, 185

Competências 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 57, 89, 93, 123, 125, 129

Conversação 7, 10, 11, 12

### D

Dependência química 155, 168, 169, 170, 172

### E

Embodiment 18, 19, 26, 27

Emoções 20, 21, 23, 24, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 84, 88

Enfoque centrado en soluciones 95

Entrevista motivacional 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Escola 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 53, 123, 125, 146, 147, 149, 156, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202

Escuta 7, 9, 10, 15, 16, 27, 171, 177, 179, 180, 186

### F

Família 9, 37, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 62, 63, 64, 65, 68, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 149, 156, 159, 163, 170, 172, 173, 174, 183, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 200, 201

Finitude 176, 177, 179, 186

Formação profissional 70, 131, 132, 133, 136

## **G**

Gestão em Saúde Mental 155

## **I**

Inconsciente 1, 2, 4, 5, 10, 12, 15, 21, 24, 52, 83, 84, 85, 203

Interés por la carrera científica 70, 72, 75

Intervenção psicológica 60

## **L**

Lacan 1, 2, 3, 4, 5, 6, 13, 15, 16

Literatura 60, 67, 94, 124, 144, 165

## **M**

Memória 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 30, 83, 148, 173, 195, 196

Morrer 176, 180, 186

Movimentos sociais 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Mudança 12, 21, 28, 67, 68, 123, 124, 125, 128, 129, 149, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 189

## **O**

O novo 7, 9, 10, 22

## **P**

Pedagogía crítica 70, 73, 75, 78, 79

Pedagogía feminista 70, 72, 74, 76, 79

Políticas públicas 5, 51, 52, 53, 60, 78, 151, 153, 155, 156, 157, 160, 162, 166, 168, 174, 187

Práctica docente 70, 72, 74

Psicanálise 2, 3, 4, 5, 7, 9, 12, 14, 15, 16, 92, 203

Psicología positiva 95, 96, 103

Psicologia social 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154

## **R**

Rede secundária 123, 124, 128, 129, 130

Relações abusivas 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69

Relações de poder 60, 63, 64, 65, 152

Rezago universitario 131

## **S**

Saúde pública 53, 54, 94, 155, 159, 160, 168, 169, 174

Sessão única 95, 102

Suicídio 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104

Sujeito 1, 2, 4, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 33, 57, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 88, 145, 148, 152, 159, 168, 172, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

## **T**

Terapia cognitivo comportamental 55, 58, 60, 80, 81, 83, 88, 89, 92

Terapia familiar 108, 109, 110, 113, 116, 117, 121, 123, 124, 125, 130

Transtorno de ansiedade social 55, 56, 58, 59

Transtornos mentais comuns 46, 47, 53

Tratamento 18, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 49, 52, 55, 57, 58, 59, 80, 81, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 158, 160, 163, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 179, 180, 184, 185, 186, 192, 196, 198

Trauma 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31

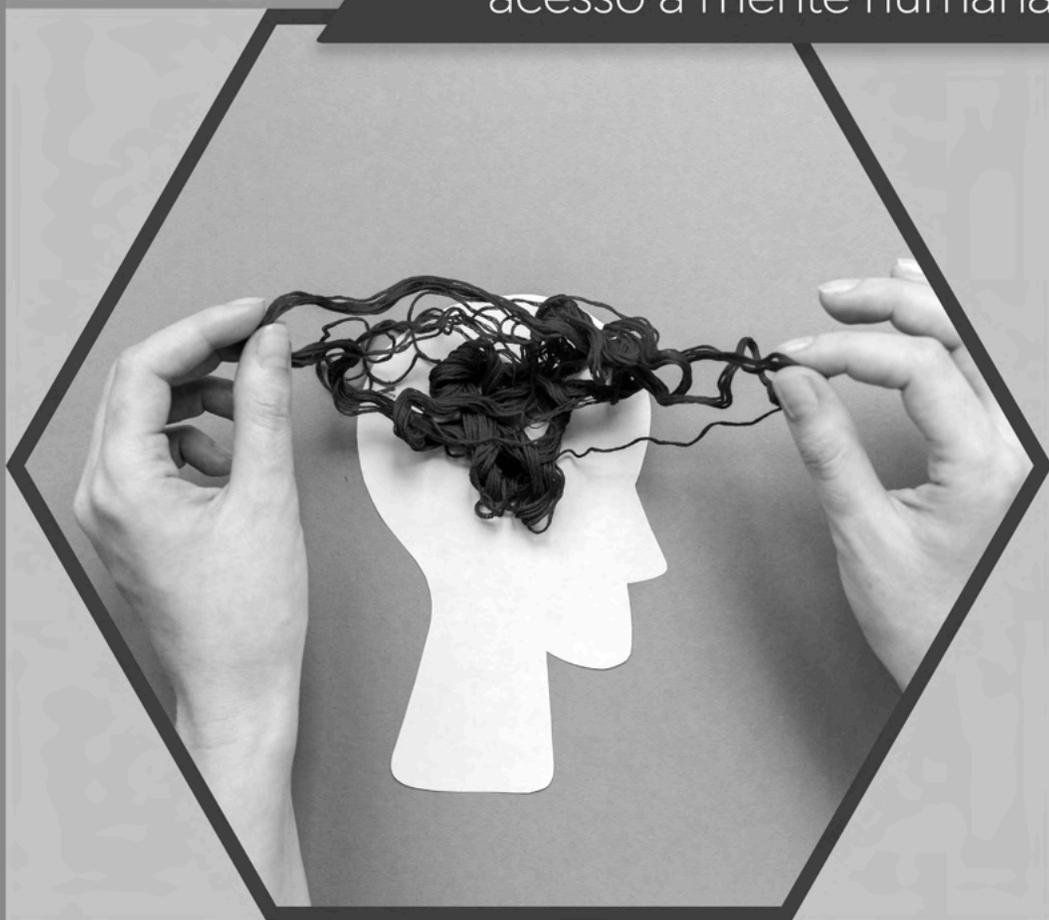
Tutorias 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143

## **V**

Violência 9, 14, 40, 43, 50, 53, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 124, 129, 158

# Psicologia:

Técnicas e instrumentos de  
acesso à mente humana



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# Psicologia:

Técnicas e instrumentos de  
acesso à mente humana



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora

Ano 2022